

Crianças e jovens com medida de acolhimento residencial: a importância da arte e do desporto como estratégia de intervenção social

Children and teenagers with the residential care: the importance of art and sport as a strategy for social intervention

Simone Rós¹
Fátima Gameiro²

Resumo

Este estudo pretende demonstrar o contributo da arte e do desporto como estratégia de intervenção social junto de crianças e jovens em acolhimento residencial. Os resultados obtidos pelo projeto D'AR-TE, uma Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social, desenvolvida pela Casa de Acolhimento da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, demonstram a diminuição dos comportamentos agressivos e o aumento da autoestima em dezasseis crianças e jovens, após um ano de participação bissemanal em oficinas de desporto (judo) e artes (teatro, música e expressão corporal). Ao analisar as dinâmicas afetivas e comportamentais de crianças e jovens, é possível perceber a eficácia dessas práticas na promoção da resiliência individual e social e, consequentemente, na redução de comportamentos agressivos, possibilitando aos indivíduos uma (re)organização psíquica mais saudável e uma ressignificação de conceitos e atitudes.

Palavras-chave: Acolhimento Residencial; Estratégias de intervenção; Arte; Desporto.

Abstract

This article aims to demonstrate the contribution of art and sport as a social intervention strategy with children and teenagers in residential care. Results obtained by the D'AR-TE project, an Innovation and Social Entrepreneurship Initiative, developed by the Casa de Acolhimento da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, show a decrease in aggressive behavior and an increase in self-esteem in sixteen children and teenagers, after a year of attending sports (judo) and arts (theatre, music and body expression) workshops twice a week. By analyzing the affective and behavioral dynamics of children and teenagers, it is possible to perceive the effectiveness of these practices in promoting individual and social resilience and as a consequence the reduction of aggressive behavior, enabling individuals to have a healthier psychic (re)organization and a redefinition of concepts and attitudes

Keywords: Residential Care; Social Intervention; Arts; Sports.

Introdução

Com o objetivo de compreender e intervir na problemática da violência infanto-juvenil no contexto do acolhimento residencial, este artigo destaca a importância do contato frequente do indivíduo com a arte e o desporto, como estratégia de intervenção social, que visa promover o desenvolvimento integral de crianças e jovens vítimas de

¹ Instituto de Serviço Social / Universidade Lusófona – CUL; Secretaria de Educação do Distrito Federal do Brasil- SEEDF L

² Instituto de Serviço Social/ Universidade Lusófona – CUL | Investigadora CISIS

violência. Apresenta uma revisão bibliográfica sobre as principais teorias do desenvolvimento, utilizadas na prática da análise e intervenção social, e analisa os efeitos que a arte e o desporto podem ter no autoconceito, na autoestima, nos comportamentos agressivos e na dimensão social da criança/jovem.

I. Teorias do desenvolvimento humano

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (Silva & Cubo Delgado, 2013) propõe um modelo teórico-metodológico (Modelo PPCT), que define quatro núcleos dinamicamente inter-relacionados para a análise do processo de desenvolvimento: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (ver figura 1).

Segundo Coscioni et al.(2018), o processo diz respeito às relações duradouras de interação no ambiente imediato do sujeito, considerado a força motriz do desenvolvimento humano. De acordo com o autor, tais interações devem ocorrer com bastante regularidade e durante longos períodos de tempo para serem significativas.

No que diz respeito à pessoa, as características dividem-se em três núcleos básicos: disposições, recursos biopsicológicos e exigências. Tais características são capazes de promover/atrasar o desenvolvimento, uma vez que afetam diretamente as relações.

O contexto, está dividido em quatro sistemas, micro, meso, exo e macrosistema. O microsistema é percebido como o ambiente físico no qual a pessoa se insere e interage cara a cara com outras pessoas. Bronfenbrenner (1996) afirma que o ambiente imediato, como o mais importante na formação do sujeito, deve convidar e permitir a participação da pessoa em interações progressivamente mais complexas. O conjunto de microsistemas do sujeito, que se relacionam entre si, afetando-se mutuamente, é considerado o mesossistema que, por sua vez, está inserido no exossistema e, portanto, no macro.

O tempo aparece como uma dimensão analisada, a partir da formulação de três conceitos que interagem nos aspetos temporal, pessoal e histórico. Numa perspetiva pessoal, microtempo refere-se ao tempo imediato onde as atividades e relacionamentos ocorrem. Mesotempo inclui a constância e o tempo necessário para o estabelecimento de atividades e relações, e macrotempo refere-se a fatos históricos, que impactam não só no indivíduo, mas em pequenos e grandes grupos (Coscioni et al., 2018).

Figura 1- Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner

Fonte: Silva & Cubo Delgado (2013)

A segunda teoria considera que o ser humano implica uma predisposição intrínseca ao estabelecimento de laços de afeto que tendem a se prolongar no tempo. Problemas no estabelecimento desta ligação nos primeiros anos de vida resultam potencialmente em padrões comportamentais anormais e dificuldades na regulação emocional da criança (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1988). A Teoria do Apego aponta que a figura principal do apego, ao proporcionar a segurança necessária para a exploração, cria uma regulação mútua com o bebé, que permitirá o desenvolvimento de representações mentais, que moldarão o futuro padrão relacional, influenciando a organização dos afetos, cognições e comportamentos (Marques et al., 2021). De acordo com Marques et al. (2021), o sucesso ou fracasso da criança na obtenção de respostas do seu cuidador é internalizado e constrói o seu sentido de eficácia social e apreciação pessoal. A inconsistência da resposta do adulto ou a violação persistente do papel protetor torna difícil estabelecer uma previsão, confiança e organização de respostas vinculantes (Alvarenga et al., 2016).

A terceira é a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento (Erikson, 1976), que incide sobre a construção do ego, a partir do contexto sociocultural, sendo o resultado da integração de três dimensões inerentes ao homem: a biológica, a social e a individual (Leite & Silva, 2019). Esta teoria propõe que o ser humano passa por oito fases ao longo da vida. Em cada etapa, o ser desenvolve-se a partir dos conflitos internos de seu ego e também das demandas do ambiente, que precisa de superar, para que o ego se constitua de forma saudável, impulsionando-o para a fase seguinte. Trusz et al. (2018a) concordam que o primeiro conceito construído pelo ego é a confiança versus desconfiança básica. A solução do conflito nuclear nesta fase é a primeira tarefa do ego, sendo efetivamente uma tarefa do cuidado materno ou do cuidador primário. O sentimento de confiança

básica é fundamental para uma visão positiva de si mesmo e dos outros. Indivíduos com confiança são menos propensos a desenvolver psicopatologias (Oliveira et al., 2018).

2. Construtos da personalidade

2.1. Autoconceito

Conjunto de representações que o indivíduo tem de si mesmo, internalizadas e modificadas a partir das relações e experiências vividas, que afetam positiva ou negativamente os comportamentos e crenças do indivíduo (Sharma, 2012). Existem cinco dimensões do autoconceito, "acadêmica, social, emocional, familiar e física" (Sarriera et al., 2015, p.288) e, em conjunto, constituem o autoconceito geral.

Segundo Rogers (1992) a noção de eu é forjada no desenvolvimento infantil, no entanto, a fluência do "eu" só ocorre se algumas condições estiverem presentes no contexto da vida. Assim, essa noção pode ou não ser confirmada a partir das relações que o sujeito estabelece ao longo da vida. Segundo o autor, se essa confirmação existir, a tendência atualizadora fornecerá energia na direção que a noção de "eu" aponta, caso contrário cria-se a sensação de lacuna, que apresenta características ambíguas, sem um caminho claro a seguir, fazendo com que a tendência atualizadora aja no sentido de encobrir essas ambiguidades, levando o indivíduo a frustrações, fracassos e a um modo de vida marcado pelo mal-estar (Rogers, 1977).

2.2. Autoestima

Conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre o seu próprio valor, competência e adequação e que se reflete numa atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo (Rosenberg, 1965), percebido como um importante fator protetor no desenvolvimento infantil (Hutz et al., 2014). Evidências científicas mostram que existe uma relação entre baixa autoestima e humor negativo, incapacidade percebida, delinquência, depressão, ansiedade social, perturbações alimentares e ideação suicida. A autoestima parece influenciar a satisfação com a vida, a empatia, a solidão, o humor deprimido, o stress e os conflitos familiares (Paixão et al., 2018).

2.3. Apoio social

Ao longo das etapas do desenvolvimento humano, as relações estabelecidas com figuras significativas tendem a mudar e se expandir do contexto familiar para um contexto social mais amplo e variado (Antunes & Fontaine, 2005; Hill et al., 2003; Pratta &

Santos, 2007). A percepção de apoio social parece suportar o grau de satisfação das necessidades emocionais básicas do indivíduo, como pertença, segurança, identidade e filiação. Uma rutura nas relações estabelecidas parece resultar numa desorganização emocional dos jovens, deixando-os mais vulneráveis e suscetíveis (Sarason & Sarason, 2009). Esta questão é particularmente relevante no caso dos cuidados residenciais, que promovem uma mudança significativa nas relações e ambientes das crianças e jovens (Wekerle et al., 2020). A institucionalização de crianças e adolescentes, segundo a teoria do apego, tende a ativar sentimentos de perda significativa, solidão e abandono, o que pode causar um impacto emocional profundamente negativo, levando ao desinteresse pela vida (Siqueira & Dell'Aglio, 2006). De acordo com Mota (2020), a percepção que os jovens têm sobre o seu apoio social parece estar relacionada com o desenvolvimento positivo do bem-estar psicológico e, em geral, tende a prever positivamente a autoestima.

3. A família, a violência e o acolhimento residencial

Gomes (2021) afirma que a família influencia o comportamento do sujeito através das relações estabelecidas ao longo do tempo, podendo condicionar o desenvolvimento de forma positiva ou negativa. Delgado e Gerson (2018) consideram que famílias desestruturadas, com supervisão familiar precária ou superproteção, que vivem em ambientes desfavorecidos ou marginais, promovem nas crianças/jovens a formação de baixa autoestima, insegurança, baixa tolerância à frustração, dificuldade no autocontrole emocional e comportamental e baixas expectativas académicas, além de limitar o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas, reforçando o desenvolvimento de comportamentos de risco e comportamentos desajustados. Marques et al. (2021) enfatizam que a relação entre cuidadores e crianças está na raiz dos comportamentos agressivos, que começam na infância e se baseiam na relação de afeto com os responsáveis. Esta relação revela-se de suma importância na formação do temperamento da criança, onde os fatores mais envolvidos no desencadeamento de comportamentos agressivos são: ausência de pais/responsáveis, falta de relação afetiva/corporal entre cuidadores e filhos, tutores distantes, que têm pouco ou nenhum contato afetivo, gerando nas crianças uma relação de amor e ódio. Apesar do consenso dos tratados internacionais de direitos humanos contra todas as formas de violência, incluindo os maus-tratos, parece haver ainda uma falta de consciência do impacto que a violência contra crianças e jovens tem no desenvolvimento (Covell & Becker, 2011).

Dados globais (UNICEF, 2019) mostram que cerca de seis em cada dez crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 14 anos são regularmente expostas a castigos físicos por parte dos seus cuidadores; cerca de uma em cada dez raparigas (aproximadamente 120 milhões) com menos de 20 anos foi sujeita a alguma forma de abuso sexual ao longo da vida e uma em cada três adolescentes entre os 15 e os 19 anos (84 milhões) foi vítima de violência sexual, física ou emocional.

A literatura demonstra que essas experiências de adversidade na infância interrompem o funcionamento normativo de diversas áreas inter-relacionadas do desenvolvimento infantil. Em consequência, surgem défices abrangendo várias áreas de desenvolvimento (Luthar et al., 2015). Pimpinato (2012) defende que a agressão infantil pode ser considerada o recurso interposto pela criança para que as suas necessidades sejam satisfeitas. A autora destaca a relevância da bondade amorosa e docilidade da mãe, do pai ou do cuidador no trato com crianças e jovens, uma vez que o comportamento dos pais e sujeitos afetivamente importantes são tomados como modelo estruturante. Em relação aos fatores que predispõem o indivíduo à agressão, não há consenso na literatura sobre a existência ou não de genes preditivos (Silva et al., 2017).

No atual ordenamento jurídico português, as intervenções do Estado na esfera familiar limitam-se, na sua maioria, a situações de perigo. Atualmente, a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo estabelece no Decreto-Lei 164/2019, o acolhimento residencial, como medida de promoção e proteção cuja implementação visa a prestação de cuidados e a adequada satisfação das necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais das crianças e jovens, favorecendo a sua integração num contexto sociofamiliar seguro e promotor da sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral (Portugal, 2019).

O Acolhimento Residencial centra-se atualmente nos direitos das crianças e jovens, na sua educação e na normalização da sua experiência na comunidade, exigindo a profissionalização dos cuidadores e a organização dos espaços físicos, passando a reproduzir o calor de uma casa familiar, acolhendo em média dez crianças (Centro de Estudos Judiciários, 2018).

A Santa Casa de Misericórdia de Santarém (SCMS) oferece várias respostas sociais, sendo uma delas a Casa de Acolhimento Residencial (CAR), que integra duas Unidades Residenciais (UR), o "Lar dos Rapazes" e o "Primeiro Passo". Os prestadores de cuidados representam figuras de referência e de identificação para as crianças e os jovens, devendo ser entendidos como tendo autoridade para tomar decisões e implementá-las. Assim, há na equipa de trabalho, uma relação de tutoria no que diz respeito às

questões escolares, de saúde e ocupação do tempo livre. Essa relação é próxima e revestida de afetividade, a fim de construir laços que tragam segurança (SCMS, 2021).

4. Arte e desporto como estratégias de intervenção

4.1. O projeto D'AR-TE

O projeto D'AR-TE foi concebido e desenvolvido pela Equipa da SCMS. Teve início em março de 2020 e decorre nas instalações da UR 'Primeiro Passo' e da UR 'Lar dos Rapazes' (SCMS, 2021). O projeto é uma Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social (IIES) (SCMS, 2020).

Propõe uma resposta inovadora de integração sistémica, atividades desportivas e artísticas, promovendo fatores protetores que previnam e minimizem comportamentos agressivos em crianças e jovens institucionalizados (SCMS, 2021). As atividades do D'AR-TE visam o desenvolvimento integral das crianças e jovens acolhidos e situam-se em torno de dois eixos. O eixo "Promover o EU" integra o desporto (judo) e oficinas de arte (teatro, música e expressão corporal) e o eixo "Promover o NÓS" integra a promoção de relações salutogénicas com pares, familiares e pessoas de referência da comunidade. As sessões de judo e artes foram desenvolvidas duas vezes por semana, pelo período de 1 ano, em parceria com o Instituto Politécnico de Santarém (Escolas Superiores de Educação e Desporto), com a Associação Distrital de Judo e com o Conservatório de Música de Santarém. O Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa foi o parceiro académico de avaliação e validação do modelo de intervenção e a Rede Europeia Anti Pobreza (EAPN-Portugal) o avaliador externo.

4.2. A arte como estratégia de intervenção social

Souza et al. (2018) percebem o trabalho artístico como uma linguagem que tem a sua génese nas relações sociais e que apresenta como característica a possibilidade de afetar os sujeitos através das emoções. Segundo eles, a arte tanto apresenta conteúdos, formas e crenças da cultura, como pode promover o estranhamento da realidade, condição essencial para a atribuição de novos sentidos e significados em relação à vida. Vigotski (1999) considera que a arte é essencial para compreender a ligação entre imaginação e emoção na promoção do desenvolvimento humano. O autor considera que são os afetos, na qualidade das emoções e sentimentos cristalizados, que estão na base da rigidez dos modos de relação, portanto, o uso de instrumentos mediadores que os coloquem

em movimento e possibilitem sua expressão pode promover a sua transformação (Barroco & Superti, 2014).

A literatura, ao longo da história, refere-se ao importante papel da arte como instrumento de transformação social e ampliação da consciência dos sujeitos em relação à realidade em que estão inseridos. Lima e Oliveira (2021), compreendem pela expansão da consciência, o desenvolvimento de formas ativas e criativas do sujeito de se relacionar com a realidade, a sua implicação na produção de mudanças, no reconhecimento de suas possibilidades e limites, na ação intencional de compreender e inserir-se na procura do coletivo, como meio de obter a força necessária para a transformação de suas condições de vida atuais e futuras. Souza et al. (2018) enaltecem a diferença de intensidade e expressão de uma emoção que decorre da experiência quotidiana daquilo que é desencadeado pela apreciação estética. A contribuição que a psicologia pode oferecer à consciência do homem é ajudá-lo a apropriar-se de sua arte e promover uma rica produção de cultura para cultivar a humanidade que existe em cada sujeito (Souza et al., 2018).

4.3. O desporto como estratégia de intervenção social

A Comissão Europeia, com base na Carta Europeia do Desporto de 2001, descreve o desporto como todas as formas de atividade física, através da participação ocasional ou organizada, que visam expressar ou melhorar a condição física e o bem-estar mental, estabelecer relações sociais ou obter resultados em competições a todos os níveis (Instituto Português do Desporto e Juventude, 2009). O desporto goza de um status especial no mundo, tendo-se tornado interesse público há muito tempo.

Almeida et al. (2018) argumentam que o desporto, a saúde e a qualidade de vida estão intimamente relacionados. Afirmam que a política desportiva deve incentivar um movimento desportivo bem fundamentado, com programas relevantes, de grande impacto, que fomentem a prática de atividade física, como forma de promover, não só o desporto, mas também um estilo de vida ativo e o desenvolvimento pessoal e social, reduzindo a violência e sustentando a integração social. Silva e Cubo Delgado (2013) defendem que o maior desafio do praticante é vencer uma "guerra interior" que é travada contra desequilíbrios e desarmonias pessoais, o que ajuda no autocontrolo e na luta contra a agressividade. Batista et al. (2019) enfatizam que o exercício se tem mostrado um meio eficiente para alcançar o bem-estar psicológico, com efeitos positivos sobre a stress, humor, autoconceito, autoestima e autoeficácia, bem como em termos de bem-estar emocional e redução de sintomas depressivos e ansiosos. Segundo Malho (2018), a

participação em modalidades desportivas coletivas, promove a capacidade dos jovens para tomarem decisões e assumirem, face aos constrangimentos intrínsecos ao envolvimento competitivo, atitudes, ações e, conseqüentemente, capacidades de resolução de problemas e de confronto com obstáculos, promovendo mudanças significativas na dimensão social da disciplina.

5. Metodologia

O presente estudo é uma investigação qualitativa, centrada no paradigma positivista, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento e validação do conhecimento. A participação no projeto D'AR-TE (início e um ano depois) foi definida como a variável independente e as seguintes variáveis dependentes: assertividade/perceção de agressividade (Escala de Comportamentos Assertivos para Crianças/CABS, Questionário de Agressividade/AQ), comportamentos agressivos (Grelha de Observação do Comportamento Agressivo/GOCA), perceção de apoio social da família e dos pares (Medida de Perceção de Suporte Social de Amigos/PSS-Am e Família/PSS-Fam), autoestima (Escala de Autoestima de Rosenberg/EACRR) e autoconceito (Escala de Avaliação do Autoconceito de Piers-Harris/PHCSCS-2). Os resultados foram tratados estatisticamente utilizando o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 28.0 de 2021 para Windows).

Após aprovação institucional e consentimento informado pela SCMS, o protocolo de participação foi aplicado presencialmente a crianças e jovens em acolhimento residencial nas Unidades Residenciais (UR) "Primeiro Passo" e "Lar dos Rapazes". A investigação centrou-se, ao longo de um ano, na observação de crianças e jovens, 13 encontros de grupos focais e seis inquéritos por questionário, a saber:

- i) Escala de Comportamentos Assertivos para Crianças (CABS, Michelson & Wood, 1982; aferição portuguesa Alvarez & Costa, 2014). Escala de autorrelato, composta por 27 itens, que avalia competências sociais gerais e específicas aplicadas a uma diversidade de situações sociais problemáticas, relevantes para crianças e pré-adolescentes. O formato dos itens é composto por uma situação, com cinco declarações alternativas de resposta, num continuum da passividade à agressividade, de "muito passivo" a "muito agressivo", citado de -2 a +2. A pontuação atribuída a cada item é convertida, através de uma chave de cotação que permite obter três resultados: assertividade, passividade e agressividade;

- ii) Questionário de Agressividade (AQ, Buss & Perry, 1992; aferição portuguesa de Cunha & Gonçalves, 2013). Composto por 29 itens, dividida em três componentes de agressão: instrumental (agressão física e verbal; 14 itens), afetiva (irritabilidade/raiva; 7 itens), cognitiva (hostilidade, 8 itens). As respostas são do tipo Likert, variando de 1 (nunca ou quase nunca) a 5 (sempre ou quase sempre). As pontuações das diferentes subescalas são obtidas através da média dos itens que compõem cada subescala e a pontuação total é obtida a partir da média da soma dos 29 itens;
- iii) Escala de Medida de Percepção de Suporte Social de Amigos (PSS-AM) e Família (PSS-FAM) (Prociano & Heller, 1983; aferição portuguesa de Ribeiro(1999). Composto por 20 itens cada, numa escala de 3 pontos (sim, não e não sei). A pontuação em cada item cresce no sentido de uma percepção positiva, mesmo para aqueles formulados negativamente. O score total em cada subescala corresponde à percepção positiva de suporte social de amigos e familiares (Mota,2020);
- iv) Grelha de Observação do Comportamento Agressivo (GOCA). Grelha onde todos os comportamentos de agressão observados foram registados diariamente numa plataforma google forms, na CAR e nos estabelecimentos de ensino que as crianças/jovens frequentam;
- v) Escala de Avaliação do Autoconceito de Piers-Harris (PHCSCS-2, (Phscscs- & Veiga, 2002), aferição portuguesa de Veiga, 2006), utilizado para avaliar a percepção do autoconceito. Consiste em 30 itens, com respostas em formato de escala Likert de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). Permite aceder ao valor do autoconceito total e a seis dimensões: ansiedade; aparência física; comportamental; popularidade; felicidade; e estatuto intelectual.
- vi) Escala de Autoestima de Rosenberg (EACRR, Rosenberg, 1965; Sbicigo et al., 2010, aferição portuguesa de Hutz et al., 2014), utilizada para avaliar a percepção da autoestima. Composta por dez itens, com respostas numa escala de 0 (discorda totalmente) a 3 (concorda totalmente). Permite conhecer o valor da autoestima total.

O estudo incluiu 16 indivíduos, cinco rapazes (31,3%) com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos e 11 rapazes (68,8%) com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos.

6. Resultados obtidos

6.1. Efeitos da arte e do desporto no comportamento agressivo

Quanto aos comportamentos de agressão registados no GOCA, estes diminuíram do primeiro para o último mês do projeto, apresentando diferenças estatisticamente significativas ($p=.006$). Os comportamentos de agressão psicológica/verbal diminuíram do início ao fim, assim como os comportamentos de agressão física e os de agressão contra equipamentos, sendo este último uma diferença estatisticamente significativa (ver tabela 1).

Tabela n.º 1. Comportamentos de Agressão de Crianças e Jovens

	Z	p
Agressão Psicológica/Verbal	-2,31	-,84
Agressão Física	-2,31	-1,02
Agressão a Equipamentos	-2,24	,025

Fonte: Elaboração pelas autoras

6.2. Efeitos da arte e do desporto na autoestima

Em relação à Escala de Autoestima (EACRR) houve um aumento estatisticamente significativo nos resultados do valor final em relação ao valor inicial (ver tabela 2).

Tabela n.º 2. Autoestima de Crianças e Jovens

	Com	p
Escala de Autoestima	-2,02	,04

Fonte: Elaboração pelas autoras

6.3. Efeito da arte e do desporto no autoconceito

Em relação ao resultado global do autoconceito (PHCSCS-2), este foi ligeiramente maior no final do que no início do projeto, contudo as diferenças não foram estatisticamente significativas. Em relação às várias dimensões que compõem o autoconceito, verificou-se do início para o fim do projeto que a ansiedade, a perceção comportamental e a popularidade diminuíram, enquanto a perceção de aparência física, satisfação/felicidade e a perceção de status intelectual aumentaram (ver tabela 3).

Tabela n.º 3. Autoconceito de Crianças e Jovens

	Com	p
Autoconceito Global	-0,17	0,87
Ansiedade	-,17	,57

Aparência física	-,98	,33
Comportamento	-,03	,97
Popularidade	-,32	,75
Felicidade	-,45	,65
Estatuto intelectual	-1,44	,15
Total	-1,70	,86

Fonte: Elaboração pelas autoras

6.4. Efeito da arte e do desporto na percepção do suporte social

Na percepção de suporte social da família, houve um ligeiro aumento no resultado final em relação ao inicial, mas os resultados não foram estatisticamente significativos (ver tabela 4).

Tabela n.º 4. Percepção de Suporte Social Familiar

	ZZ	págs.
Percepção apoio social família	-,54	,59

Fonte: Elaboração pelas autoras

A percepção de suporte social dos amigos mostrou um valor inicial mais elevado no início do que no final. Os resultados, no entanto, não foram estatisticamente significativos (ver tabela 5).

Tabela n.º 5. Percepção de Suporte Social dos Amigos

	Z	p
Percepção apoio social amigos	-,81	,42

Fonte: Elaboração pelas autoras

6.5 Efeito da arte e do desporto na percepção de agressividade das crianças

A análise dos resultados da CABS, em relação aos valores de assertividade global, mostra que estes foram menores no início do que no final. Quanto aos valores de passividade, revelaram valores mais elevados no início do que no final. Os valores de agressividade foram menores no início do que no final do projeto. No entanto, nenhuma das diferenças foram estatisticamente significativas (ver tabela 6).

Tabela n.º 6. Percepção de agressividade das crianças

	Com	P
Assertividade Global	-,55	,58

Passividade	-,14	,89
Agressividade	-,37	,71

Fonte: Elaboração pelas autoras

6.6. Efeito da arte e do desporto na perceção de agressividade dos jovens

Quando analisados os resultados da AQ, houve um score total inicial inferior ao final. Os resultados do AQ instrumental, a perceção de agressividade afetiva e agressividade cognitiva foram maiores no início do que no final. No entanto, em nenhuma das dimensões os resultados foram estatisticamente significativos (ver tabela 7).

Tabela n.º 7. Perceção de Agressividade dos Jovens

	Com	p
AQ Total	-,80	,42
AQ instrumental	-,84	,40
AQ Afetivo	-1,02	,30
QA cognitivo	,00	1,00

Fonte: Elaboração pelas autoras

Considerações finais

Os resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos, antes e após a participação de crianças e jovens no projeto D'AR-TE, demonstram que a frequência em oficinas de arte e desporto promoveram a redução de comportamentos violentos e o aumento da autoestima. Logo possibilitaram uma (re)organização psíquica mais saudável e permitiram aos indivíduos (re)significar conceitos e atitudes. É importante ressaltar que a institucionalização implica, para crianças e jovens, o deslocamento dos seus contextos afetivos, e as figuras parentais estão intimamente ligadas à idealização do apoio afetivo. Este fato, inicialmente, pode suscitar sentimentos de revolta ou eventual culpa diante da institucionalização, interferindo na qualidade da interação criada com os adultos, impedindo-os de aceitar apoio emocional por medo de enfrentar novas perdas (Mota et al., 2016).

Segundo Gomes (2021), estudos relacionados com o desenvolvimento de atitudes positivas desenvolvidas por adolescentes por meio de intervenção, instruções e atividades semanais, demonstraram alta qualidade nos resultados, apresentando aumento de habilidades sociais como assertividade, autocontrolo, cooperação, empatia e redução de comportamentos problemáticos (Van der Stouwe et al., 2018). Do ponto de vista da teoria

bioecológica, a família, a unidade residencial e a escola, pertencem ao mesos-sistema dos sujeitos em questão, ou seja, o conjunto de microsistemas em que as crianças e os adolescentes estão inseridos e cujas relações estabelecidas em cada um desses microsistemas e entre eles, são necessárias na promoção integral do ser. Portanto, a equipa de acolhimento residencial (AR) conhece o contexto familiar das crianças e adolescentes acolhidos e procura estabelecer uma parceria para o seu desenvolvimento integral.

Quanto aos fatores de proteção no AR, Gameiro et al. (2021) defendem que a institucionalização pode funcionar como um recurso terapêutico no desenvolvimento de crianças e jovens vítimas de abandono e abuso, não permitindo que experiências anteriores de privação sejam incapacitantes. Um desenvolvimento humano saudável parece caracterizar-se por um conjunto de competências adquiridas a partir de relações saudáveis, que impulsionam o sujeito a superar os desafios inerentes ao desenvolvimento do ego, adquirindo uma compreensão cada vez mais abrangente das suas possibilidades e dos seus contextos.

Considerando que os efeitos das relações estabelecidas podem variar de acordo com os contextos, o acolhimento residencial pode tornar-se uma possibilidade de ajustar positivamente comportamentos agressivos, minimizar a insegurança e a apatia, (re)significando emoções e sentimentos (Bortolatto et al., 2019). Souza (2018) destaca a arte, na sua dimensão humanizadora, com potencial para afetar o sujeito, elegendo-a como instrumento de trabalho do interventor social para favorecer a constituição de formas mais elaboradas de pensamento e ação sobre o mundo.

O estudo em questão mostra que a arte e o desporto inseridos na rotina das crianças e jovens, tornam-se um microsistema que afeta positivamente as relações do referido mesossistema. De acordo com Gameiro et al. (2021), vários estudos têm validado que crianças e jovens que participam em atividades desportivas, para além de promoverem o seu desenvolvimento físico, identidade grupal e social e potenciarem estratégias de cooperação, revelam maiores competências mentais e sociais. Os resultados desta investigação com crianças e jovens institucionalizados demonstram a relevância da arte e do desporto como estratégias de intervenção social na redução de comportamentos agressivos e na melhoria da autoestima.

Como limitações deste estudo, identificamos o pequeno número de participantes no projeto D'AR-TE. Ainda assim, manifesta efeitos preditivos significativos que sugere pistas futuras e permitem uma comparação dos dados ao longo do tempo do projeto (3 anos). Afigura-se igualmente pertinente a realização de novos estudos para analisar os

efeitos que a arte e o desporto oferecidos sistematicamente podem ter na promoção do bem-estar psicológico das crianças e dos jovens.

Referências Bibliográficas

Ainsworth, M. (1989). Anexos além da infância. *Psicóloga Americana*, 44(4), 709–716. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>

Almeida, L., Pereira, H., & Fernandes, H. (2018). Efeitos de diferentes tipos de prática desportiva no bem-estar psicológico de jovens estudantes do ensino profissional. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 13(1), 15–21. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=311153534001>

Alvarenga, P., Weber, L., & Bolsoni-Silva, A. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4–21. <https://doi.org/10.31505/RBTCC.V18I1.827>

Alvarez & Costa, (2014) *Relatório de avaliação da atividade das CPCJ*. CNPCJ.

Antunes, C., & Fontaine, A. (2005). Perceção do apoio social na adolescência: Análise fatorial confirmatória da escala de Avaliação do Apoio Social. *Paideia*, 15(32), 355–366. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000300005>

Barroco, S., & Superti, T. (2014). Vigotski e o Estudo da Psicologia da Arte: Contribuições para o Desenvolvimento Humano. *Psicologia e Sociedade*, 26(1), 22–31. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004>

Batista, M., Cubo Delgado, S., Petrica, J., Serrano, J., Paulo, R., & Honório, S. (2019). Atividade física e autoconceito de alunos de 1. Ciclo. *Psicologia do Desporto e do Exercício - Abordagens da Investigação Académica*, 23–34. <https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/6679>

Bortolato, M., Loos, V., & Delvan, J. (2019). Parentalidade em foco com grupos de pais: O relato de uma experiência. *Psicologia do Argumento*, 35(89), 1–22. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.35.89.AO02>

Bowlby, J. (1988). *Uma base segura: apego entre pais e filhos e desenvolvimento humano saudável*. Livros básicos.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experiências Naturais e Planeadas*. Artes Médicas (org.). <https://www.academia.edu/download/35236413/EcologiadoDesenvolvimentoHumano.pdf>

Centro de Estudos Judiciários. (2018). *Acolhimento Residencial e Familiar - Jurisdição da Família e da Criança*. Centro de Estudos Judiciários. <http://library1.nida.ac.th/termpaper6/sd/2554/19755.pdf>

Coscioni, V., Nascimento, D. B. do, Rosa, E. M., & Koller, S. H. (2018). Pressupostos teórico-metodológicos da teoria bioecológica do desenvolvimento humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. *USP Psicologia*, 29(3), 363–373. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170115>

Covell, K., & Becker, J. (2011). *Cinco anos depois: Uma atualização global sobre a violência contra as crianças. Um relatório do conselho consultivo das ONG para o acompanhamento do estudo do secretário-geral das Nações Unidas sobre a violência*

contra as crianças. <https://resourcecentre.savethechildren.net/pdf/5085.pdf/>

Decreto-Lei n. o 164/2019, de 25 de outubro. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=3213A0021&nid=3213&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=S&nversao=

Delgado, P., & Gersão, E. (2018). O acolhimento de crianças e jovens no novo quadro legal: novos discursos, novas práticas? *Análise Social*, 226, 112–134. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2018226.05>

Erikson, E. (1976). *Infância e Sociedade* (2ª ed). Zahar.

Gameiro, F., Ferreira, P., Almeida, M., & Pedro, A. (2021). A arte na intervenção com crianças e jovens com medida de acolhimento residencial: D'AR-TE. In R. Grana (Ed.), *Discursos. Mulheres e artes ¿Construyendo o derribando fronteras?* <https://www.dykinson.com/libros/discursos-mujeres-y-artes-construyendo-o-derribando-fronteras/9788413775654/>

Gameiro, F., Ferreira, P., & Pedro, A. (2021). Intervenção com crianças e jovens em risco em acolhimento residencial: O Projeto D'AR-TE. In M. Bermúdez Vázquez (Ed.), *Luces en el camino: Filosofía y ciencias sociales en tiempos de desconcierto* (1a, p. 3325). <https://www.dykinson.com/libros/luces-en-el-camino-filosofia-y-ciencias-sociales-en-tiempos-de-desconcierto/9788413773223/>

Gomes, A. M. (2021). *Crianças, jovens e famílias em situação de risco psicossocial-intervenção do Educador Social em um CAFAP* (1). <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/96468>

Hill, N., Ramirez, C., & Dumka, L. (2003). Aspirações de carreira de jovens adolescentes: Estudo qualitativo da percepção de barreiras e apoio familiar entre adolescentes de baixa renda e etnicamente diversos. *Jornal de Assuntos de Família*, 24(7), 934–959. <https://doi.org/10.1177/0192513X03254517>

Hutz, C., Zanon, C., & Vazquez, A. (2014). Escala de autoestima de Rosenberg. In C. Hutz (Org.), *Avaliação em psicologia positiva* (Vol 7, pp. 85-94). Artmed.

Instituto Português do Desporto e Juventude. (2009). *Diretrizes da União Europeia para a Atividade Física - Políticas recomendadas para a promoção da saúde e do bem-estar*. Idp-Idpj, 33–37. http://www.idesporto.pt/ficheiros/File/Livro_IDPfinalJan09.pdf

Leite, A. D. Smith, M. (2019). Um estudo bibliográfico da teoria psicossocial de Erik Erikson: Contribuições para a educação. *Debates em Educação*, 11(23), 148–168. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2019V11N23P148-168>

Lima, E. & Oliveira, J. (2021). Vigotski: Sua teoria e contribuição na educação. *Seminário Nacional e Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional*, 8(14). <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9854>

Luthar, S., Crossman, E., & Small, P. (2015). Resiliência e adversidade. In *Manual de Psicologia Infantil e Ciência do Desenvolvimento* (pp. 1-40). John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy307>

Malho, J. (2018). *O papel do desporto na inclusão social dos jovens em risco*. [Tese de Mestrado]. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/83495>

Marques, D., Esteves, S., Fuertes, M. (2021). Qualidade do vínculo e desenvolvimento das crianças em acolhimento residencial. No processo M. Fuertes, C. Nunes, J., Rosa, A. Almeida, & S. Esteves (orgs.). *Teoria, Práticas e Investigação em Intervenção*

Precoce II (pp. 101-123). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.118>

Mota, C. (2020). Efeito do apoio social e da personalidade no bem-estar psicológico em adolescentes de diferentes contextos relacionais. *Psicologia: Teoria e Investigação*. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722020000100500&script=sci_arttext&lng=pt

Mota, C., Costa, M., & Matos, P. (2016). Resiliência e comportamento desviante entre adolescentes institucionalizados: A relação com adultos significativos. *Revista de Serviço Social da Criança e do Adolescente*, 33(4), 313–325. <https://doi.org/10.1007/s10560-015-0429-x>

Oliveira, A., Valente, F., & Junior, L. (2018). Adolescência em foco: Contribuições de Erickson, Vigotsky e Wallon. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Psicologia: Fundamentos Teóricos, Históricos e Epistemológicos*, 1(1), pp. 31-45. <http://www.fvr.edu.br/psicologia/revista-eletronica/>

Paixão, R., Patias, N., & Dell'Aglio, D. (2018). Autoestima e sintomas de transtorno mental na adolescência: variáveis associadas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34436>

Pimpinato, C. M. (2012). *Agressividade infantil: Análise de artigos científicos*. UNESP.

Pratta, E., & Santos, M. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico dos seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247–256. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>

Rosenberg, (1965). *A sociedade e a autoimagem do adolescente*. Imprensa da Universidade de Princeton.

Sarason, I., & Sarason, B. (2009). Apoio social: Mapeamento do constructo. *Jornal de Relações Sociais e Pessoais*, 26(1), 113–120. <https://doi.org/10.1177/0265407509105526>

SCMS. (2020). *D'AR-TE | Portugal Inovação Social*. <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/dar-te/>

SCMS. (2021). *Casa de Acolhimento - Casa dos Rapazes - Santa Casa da Misericórdia de Santarém*. <https://scms.pt/index.php/pt/respostas-sociais/lar-dos-rapazes/>

Silva, M. A. B. da, & Cubo Delgado, S. (2013). A prática do judô em relação ao autoconceito, autoestima e desempenho escolar dos alunos do primeiro ciclo da educação básica. *Jornal de Ciências do Esporte*, 9(3), 193–210. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86528863004>

Silva, R., (2017). *Adaptação transcultural do questionário de vitimização juvenil r2 em amostra brasileira e medição de cortisol em crianças abusadas* [Dissertação de Mestrado: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. <http://tede2.pucrs.br:80/tede2/handle/tede/7648>

Silva, M.A.B. & Cubo Delgado, S. (2013). A prática de judo em relação com o autoconceito, a auto-estima eo rendimento escolar de alunos do primeiro ciclo do ensino básico. *Revista de Ciencias del Deporte*, 9 (3), 193-210. <http://hdl.handle.net/10662/7355>

Siqueira, A. & Dell'Aglio, D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia e Sociedade*, 18(1), 71–80. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100010>

Souza, V. (2018). Psicologia da arte: Secção temática. *Estudos em Psicologia (Campinas)*, 35(4), 333–338. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400001E>

Souza, V., Dugnani, L., Reis, E. (2018). Psicologia da Arte: Fundamentos e Práticas para a Ação Transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(4), 375–388. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>

Trusz, R., Nunes, A., Balbinotti, C. (2018). A prática do judo e a promoção de comportamentos socialmente competentes das crianças. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 8(2). <https://doi.org/10.31501/rbpe.v8i2.9870>

UNICEF. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. UNICEF, 80. https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Van der Stouwe, T., Asscher, J., Hoeve, M., Van der Laan, P., & Stams, G. (2018). Efeitos do treinamento de habilidades sociais (TSM) nas habilidades de processamento de informações sociais em adolescentes envolvidos com a justiça: Empatia afetiva como preditor ou moderador. *Revisão dos Serviços para Crianças e Jovens*, 90, 1–7. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.05.006>

Vigotski, L. (1999). *Psicologia da arte*. Martins Fontes. http://estmir.net/Vigotski_1925-1990_Psicologia-da-arte.pdf

Wekerle, C., Waechter, R., Leung, E., & Leonard, M. (2020). Adolescência: Uma janela de oportunidade para uma mudança positiva na saúde mental. *First Peoples Child & Family Review*, 3(2), 8–16. <https://doi.org/10.7202/1069457ar>

Entidade financiadora:

Portugal Inovação Social. Cofinanciamento: POISE, PORTUGAL 2020; UE-FSE e Investidores Sociais: Associação Dom Pedro V; Câmara Municipal de Santarém; Diverso; Crédito agrícola; Ouro mole. Parceiros: Instituto Politécnico de Santarém; Universidade Lusófona - Instituto de Serviço Social; Igreja Noémia, Lda.; Associação de Judo de Santarém.